

A paixão segundo

E ncontrei, encontrei. Tudo o que me faltava entender transformou-se em vidro súbito, quanta transparência. Aquilo que vivi é um presente embrulhado em palavras, nitidez de um lado e de outro, caminho até ao centro de alguma coisa ou de alguém, eu. Aquilo que vivi é a oferta única de um sorriso que não precisa de explicação. O hábito de objectos como este que carrego na pele, no desprendimento da pele, é serem respirados. São leves e transparentes, como as certezas de uma menina, como? Uma menina, sim, eu chamada por um nome ligeiro, um hálito fresco, pronto a ser respirado, organizado pela satisfação inquieta do tempo, da idade, organização boa daquilo que vivi, pronto a ser entregue em mãos estendidas, palmas das mãos que merecem o mundo que fui capaz de viver, descodificar e que me viveu e me descodificou a mim.

Mas eu confio nas pontas de sensibilidade que me crescem da aura, meu contorno. São elas que tocam na superfície dos materiais e a transmitem ao meu modo, fazendo-o quase infinito de tão grande. Um, uma, unidade compacta, o mundo feito de mim e vice-versa.

Encontrei a ligação entre tudo o que já possuía, envolvia-me, era-me essencial e, no entanto, só depois dessa ligação ganhou incomparável sentido. De uma vez, por uma vez, caminhava sem perder um detalhe da estrada, duas pernas a alternarem-se como se fossem a mesma perna a ir e a vir, passos alternados de uma perna que mantém a sua sensibilidade ao ar, à temperatura e, ainda, a tudo o que é constante para lá do tempo, para lá das pequenas misérias, fúteis, minúsculas, chuva de pequenos grãos de pó a tocarem o solo, o chão, exactamente como a minha pele, o chão a ser a ligação, eu a ser a única distância, eu aqui, sempre aqui, a encontrar-me por fim.

A ordem justa, como é correcta, traz-me muito mais do que pensei alcançar. Nenhuma pergunta sem resposta. E esta coragem que sempre conheci, feita de silêncio familiar, de fresco familiar, esta coragem espalhada sobre as cores - o mundo com as suas cores, os seus verdes, os seus azuis, e este conforto estendido sobre esses tons, a espreguiçar-se numa expressão longa, feita de sábados de manhã. Quero lançar-me e planar na certeza que a ausência de palavras é, em si própria, uma palavra significativa, um modo de ser inteira. Ao fazê-lo, regressarei ao tão bom, à razão perfeita de tudo o que nem sequer precisei de procurar. Nasci com esse dom, graça tamanha, bênção de prata. Como uma organização metódica, arquivada e a necessidade capacitada de caminhar. Nenhum pergunta sem resposta? Sim, nenhuma pergunta sem resposta. Toda a liberdade.

Sim. Sinto cada sílaba. Enquanto penso, imagino novas ideias, soltando-me dentro delas, mergulhando. Entro dentro de um túnel e, lá ao fundo, a sua luz é claramente uma saída, mas a escuridão que me envolve é, também ela, uma possibilidade. Entro e sei que vou sair, seja qual for a direcção que escolha, irei sair e, sem nenhuma dúvida, será para melhor, ainda melhor, sempre melhor. Mais do bom, menos do mau. Sempre foi assim, sempre segui essa maré.



Clarice Lispector Revisitação de um dos seus romances

Ontem, no entanto, excedi mais ainda a forma humana da minha sombra, tornei-me mais cheia de detalhe, mais milimétrica. E não preciso de coragem para continuar na ordem que sempre me constituiu, para permanecer. Assim, sei-me destemida, sófrega, sem precisar de mais garantias do que aquelas que me são dadas pelo momento presente, pela satisfação do ontem e, claro, pelo amanhã, conhecido e desconhecido, eleito e brilhante. Abro os braços e recebo a vantagem de ser, inundo-me com ela, encho-me da sua forma. Este é o hemisfério da vida, não poderia escolher o outro - chegará, mas não será hoje. Aqui, vou vivendo, vou crescendo, organizadamente.

E, no entanto, é sempre a confirmação esperada de uma surpresa boa. Recebo sempre mais do que espero - e espero muito. A primeira surpresa é desconhecer a desilusão. Talvez a desilusão seja o medo de não pertencer mais a um sistema. Talvez a desilusão seja um oceano à volta e a necessidade de nadar. Mas um nadador deseja sempre água, sonha com oceanos. Nos seus símbolos interiores, um nadador sabe que a vida é um oceano. Para um nadador, a felicidade é líquida, o afogamento é incompreensível. O nadador aspira à diluição. O que eu era antes era-me bom. Esse bom transformou-se em melhor, a caminho de óptimo. Antevejo futuro em cada infimo que me cerca, os ângulos mostram positivo, muito doce. Se eu lhes tocar com a minha pele, sei que me vão acariciar, confortar. Esse é o acaso feito do que sei. Sem qualquer risco. Substituo a probabilidade pelo destino.

Todas as descobertas da infância, no laboratório dos oito anos, dez anos, foram a descoberta do que precisava achar. Encontrei aquilo que era certo, que se adequava a cada ponto da idade e, mesmo, a cada hora do dia. Como criança eu corria, como adulta corro mais ainda, avanço dentro de mim - galáxia -, nado dentro de mim - oceano -, perco-me por vontade, presa, aterradora, contente, sonsa, inquieta, feliz, habituada. E, latejando, acredito que latejar é ser uma pessoa. É? É. JL

NOTA: Escrito a partir do início de *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector.